

**ASPECTOS SOCIOLÓGICOS E FILOSÓFICOS DA
DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA**

“Oh, as estranhas exigências da sociedade burguesa que primeiro nos confunde e nos desencaminha, para depois exigir de nós mais que a própria natureza!”

Goethe

“Somente quando o Homem, em sociedade, busca um sentido para sua própria vida, e falha na obtenção deste objeto, é que isso dá origem à sua antítese, a perda de sentido.”

Lukács

“Também na vida econômico-social a dignidade da pessoa humana, com sua vocação integral, bem de toda a sociedade, deve ser honrada e promovida. O homem, com efeito, é o autor, centro e fim de toda vida econômico-social.”

Constituição Pastoral Gaudium et Spes. II. §. 412.

A justiça e a equidade exigem também que a mobilidade, necessária a uma economia em desenvolvimento, seja organizada de tal modo que a vida dos indivíduos e de suas famílias, não se torne instável e precária. Nas economias hoje em transição e nas formas de novas da sociedade industrial nas quais, por exemplo, se desenvolve a automação, deve-se cuidar para que se ofereça trabalho suficiente e conveniente a cada um. Do mesmo modo, lembrem-se os cidadãos que é seu direito e dever, o que deve ser reconhecido também pelo poder civil, de contribuir segundo as suas possibilidades para o progresso verdadeiro da própria comunidade.

Compêndio Vaticano II. p. 204-221.

“Cada cristã deve evitar impor suas necessidades a outrem; o que o impediria de guardar o Dia do Senhor. Quando os costumes e as necessidades sociais exigem de alguns um trabalho dominical, cada um assuma a responsabilidade de encontrar tempo suficiente para o lazer [...]. Apesar das limitações econômicas, os poderes públicos cuidarão de assegurar aos cidadãos um tempo destinado ao repouso e ao culto Divino. Os patrões têm a obrigação análoga com respeito a seus empregados.”

Gaudium Et Spes 67, 3 c. p. & CIC 2187.

Gilson Xavier de Azevedo

**ASPECTOS SOCIOLOGICOS E FILOSÓFICOS DA
DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA CATÓLICA**

2ª Edição
Editora IGM
2022



TRANSFORMANDO SEUS SONHOS EM REALIDADE

Simone Maria Zanotto
Revisão

Gercimar Martins
Editoração

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Gilson Xavier de Azevedo
Dr. Helieder Côrtes Freitas
Dr. Marcos Roberto da Silva
Me. Gercimar Martins Cabral Costa
Ma. Maria da Felicidade Alves Urzedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A994s

AZEVEDO, Gilson Xavier de;

Aspectos sociológicos e filosóficos da Doutrina Social da Igreja Católica.

2 ed. Quirinópolis: IGM, 2022.

266 p.

ISBN: 978-65-80508-49-5

Imagem capa: https://www.freepik.com/premium-photo/piece-black-bread-coins-concept-poverty-lack-money-food_27123185.htm#query=misery%20social&position=48&from_view=search

1. Doutrina Social da Igreja. DSI. Sociologia,

CDU: 37.06

CDD 291.17

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia, microfilmagem, gravação ou outro, sem estrita permissão do autor.

2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 TEORIZAÇÕES ACERCA DAS COMPETÊNCIAS TEMÁTICAS DA CIÊNCIA SOCIOLÓGICA	13
1.1 A Construção do Conceito de Socialismo e de Sociedade	19
1.1.1 Estruturação das Raízes do Socialismo	21
1.2 Homo Socialis Intra Mundi	23
1.3 Homo Persona in Mundi	24
1.3.1 O homem e o Fenômeno da Sociabilidade	25
1.3.2 Autonomia Pessoal	30
1.4 O Homem, Filho e Pai de sua Cultura.	30
1.4.1 Sociologia Estrutural.	33
2 AS CONSTITUIÇÕES FILOSÓFICAS DAS DIMENSÕES SOCIAL E POLÍTICA DO HOMEM E DA SOCIEDADE EM QUE VIVE	35
2.1 A Questão do Trabalho Humano como Forma de Desenvolvimento Social.	40
2.2 Da Definição, Divisão e Função Social do trabalho	41
2.2.2. O Trabalho e a produção	46
2.3. Ética Sociológica na Filosofia da Organização Social	53
2.3.1 Karl Marx, A primeira síntese socialista do trabalho humano	64
2.3.2 Um Breve histórico do pensamento sociológico	70
2.3.3 A Filosofia do Trabalho no Brasil em 4 Porções	72

2.4 Uma Perspectiva da Divisão Social do Trabalho e a Crítica à Divisão Social do Trabalho	76
3 A QUESTÃO TEOLÓGICA DA SOCIOLOGIA	82
3.1 A Sociologia Bíblica do Antigo Israel Analisada a partir da pessoa de Moisés	82
3.2 As Noites Frias e Quase sem Estrelas do Deserto de Madiã e a dura Realidade de um Povo sem Terra e sem Trabalho	85
3.2.1 A ação divina na vida humana do povo de Israel nos tempos do Faraó.	88
3.2.2 Moisés Transpõe a Aridez das Dificuldades do Deserto	93
3.2.3 Moisés e sua ação Social Progressiva	95
3.3 Análise Sociológica Bíblica no Novo Testamento Cristão, a partir da Pessoa de Jesus de Nazareth	95
3.3.1 A Visão Teo-social de Jesus de Nazareth: Os critérios do Reino de Deus para a nova sociedade cidadã	99
3.3.2 O que de Fato fez Jesus para a Sociedade do Amor Social Acontecer?	101
3.3.3 O anúncio da Boa Nova: o Fenômeno do Jovem Pregador	104
3.3.4 As Parábolas do Reino, uma Pedagogia Peculiar!	108
3.3.5 Quem é este homem? As Curas e Milagres nas Narrativas Evangélicas.	113
3.3.6 Os Milagres de Jesus revela seu Domínio da Natureza	117
3.3.7 Jesus sobe a Jerusalém para descer à mansão dos mortos	118
3.3.8 Índia, pobre, mas digna e em paz	123
3.3.9 A Dura realidade Social no Islã	125
3.3.10 A África, cheia de Mitos e de Miséria	127
3.4 A Ótica Teológica da utopia Marxista e da Doutrina Social da Igreja Católica.	133
4 A CONDIÇÃO POLÍTICA DA HISTÓRIA SOCIOLÓGICA DO BRASIL DA DÉCADA DE 60 ATÉ NOSSOS DIAS	140
4.1 Uma análise Sociológica dos oito anos do Mandato Presidencial de Fernando Henrique Cardoso a partir dos resultados do Censo 2000	147
4.1.1 Uma Análise comentada do Governo dos 700%.	152
4.1.2 O Novo Presidente Eleito desafios já na transição	159
5 CIDADANIA COMO UM REFLORESCER DA SOCIOLOGIA E DO SER SOCIALIZADO “INTRA MUNDI”	165
5.1 A Situação de desvalor do Reformismo no Brasil	166
5.1.1 A Doutrina Social da Igreja Católica na busca de uma Reforma Social	172

5.1.2 Postulados socioeconômicos da DSI _____	179
5.2 A História das Campanhas da Fraternidade no Brasil _____	183
5.2.1 A Campanha da Fraternidade de 1996, para um Despertar Político e Social no Brasil dos menos favorecidos _____	187
5.2.2 Por uma Política de Bases Cristãs, a Visão Política da CF 1996 dentro de Enfoques e Valores Cristãos _____	189
5.2.3 O Jubileu 2000 e a Sócio Teologia das Dívidas Externas _____	196
5.3 A Realidade Nacional do trabalho e do desemprego _____	209
5.3.1 O Desemprego na América Latina _____	211
5.3.2 O Desemprego no Brasil _____	213
5.3.3 Menos Trabalho para mais Riqueza _____	216
5.3.4 A Reestruturação do Mundo do Trabalho _____	217
5.3.5 Quanto o Custo do Trabalho causa o Desemprego _____	222
5.3.6 Existem possibilidades reais de geração de emprego? _____	223
5.3.7 Globalização e solidariedade, a luta por uma Concepção Cultural que Humanize o Tempo _____	230
5.4 O Cogito Ergo Sum e o Laborem Ergo Num Sum _____	233
5.5 Cidadania possível na Cultura de Morte _____	237
5.5.1 Cidadania uma questão de Direito e de fato social _____	239
CONCLUSÃO _____	252
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	259

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa o autor se propõe a elaborar uma constatação das ações sociais desenvolvidas ao longo da história por expoentes da teologia e da Filosofia. Iniciando pela identificação de conceitos como a construção do conceito de socialismo e sociedade, faz um esboço da estruturação das raízes do socialismo analisando a luz das ciências sociais o homo socialis e o *persona mundi* como um fenômeno da sociabilidade que se relaciona e acontece na cultura que ele mesmo cria. Além de oferecer uma visão da inserção cultural e social do ser humano, aborda a questão do trabalho como forma de desenvolvimento social; delimitando qual seja a divisão e função social do trabalho que chegou a nós por intermédio da Filosofia e de seus Pensadores modernos.

O ponto de vista do autor se dá, sobretudo no tocante a estabelecer uma ética das análises, intervenções e interferências das ciências humanas a começar por Karl Marx e sua visão comunista do trabalho e da exploração da mais valia. Esta parte é finalizada com a explanação de quatro fatos ocorridos no Brasil que são adicionados como comprovação da exploração social do homem que é observada também pela antítese da Divisão Social do Trabalho e da Crítica a esta; obras que contribuíram significativamente para a formulação de conceitos e parâmetros de teor significativo ao campo da Sociologia, enquanto ciência. No Campo da Teologia o mestrando faz uma identificação de aspectos relevantes na história das Religiões Judaico Cristãs, percorrendo a História de Israel, a vida do Messias Nazareno dos cristãos que aqui é visto mais em sua forma humana que divina.

Em seguida desenvolve um quadro cronológico dos dois últimos mandatos presidenciais do Brasil e da desvalorização ao brasileiro e à sua fonte de redá e ao mesmo tempo de exploração: o Trabalho. Em meio a tais descasos, a Igreja Católica no Brasil, seja na sua ala progressista, seja conservadora, sempre colocou, ainda que só no papel, sua opinião e denúncia do sofrimento de uma nação que já nasceu explorada. O Reformismo social católico

é exposto de forma imparcial dando margem a uma interpretação real por parte do leitor com base nos fatos apresentados. Por fim, entra em foco a questão da Alça e a situação da pobreza na América Latina, bem como no Brasil, quando o autor faz uma análise de reportagens que expõe essa realidade que dita ao homem o que ele não vai comer, nem vestir.

A pesquisa é finalizada mostrando os efeitos da globalização e do laborem ergo num sum da cultura de morte em que ainda se pode crer em uma cidadania eficaz como nos propõe o autor desta pesquisa que é mais uma denúncia da exclusão social no Brasil e no Mundo. Desde que iniciei a minha vida acadêmica no curso de filosofia, percebi no meio acadêmico e eclesiástico, extensas dificuldades quanto à questão social. Estudos de Doutrina Social no primeiro ano de teologia ampliaram ainda mais o desejo de realizar observações nesta área. Descobri por percepção que o fim da teologia não é Deus e sim o homem, pois que todas as vezes que a Teologia visou à doutrina em detrimento da pessoa humana, ela errou, chacinou e provocou grandes estragos; as cruzadas, a inquisição, o Talibã, a Intifada e outros confrontos só se deram e estão à tona graças à ignorância em não compreender que a teologia mostra Deus que habita no homem. Neste propósito foi que decidi enveredar-me no caminho da socio teologia, para ampliar meus horizontes em defesa do húmus sociais.

O Desenvolvimento humano constitui um longo percurso do homem rumo à intencional libertação, primeiro da fadiga física e depois intelectual. No período datado como pré-história, o trabalho foi empreendido por homens com a ajuda de animais domésticos e de poucos utensílios primitivos. Com o apogeu da civilização mesopotâmica, entretanto, foi desenvolvido por escravos, também auxiliado pela força animal e instrumentos como a roda e o fogo. Os servos da Gleba eram os responsáveis na idade média pelo trabalho, juntamente com os artesãos livres. Na era industrial, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX, o trabalho fora executado por máquinas simples e automáticas como as existentes na linha de montagem,

operadas por trabalhadores, que se relacionavam com os executivos de então.

No século XX, após a década de 50, o uso avançado da tecnologia beneficiou operários, empregados, profissionais, gerentes, auxiliados por equipamentos mecânicos e eletrônicos. Todas essas fases aqui expostas são o resumo da história do trabalho humano que se permeiam de fatos, sucessos e fracassos. Por conta da influencia endêmica, o trabalho sempre foi visto como castigo, algo penoso e obrigatório; o fato é que sem o trabalho o ser humano deixa de existir. Exercer uma atividade ainda que por prazer, constitui uma condição *sine qua nom* de transformar a própria realidade e situação existencial.

Na sociedade industrial, o alastramento do consumo e a relativa lentidão do progresso tecnológico ou da adequação mercantil a este, permitiram ao mercado de trabalho absorver a nova mão de obra criada pela superprodução e resolver a antiga força operária, que com a introdução de novas máquinas tornou-se obsoleta e excessiva. Os vínculos entre velocidade tecnológica e capacitação do profissional não mais atingem o seu equilíbrio. O Êxodo rural só na Itália atingiu 80% da população de camponeses em um século; o que depois num período de trinta anos, se inverte no montante de 20 % dos operários fabris. A tudo isso, no entanto, deve-se somar a inserção da mulher no mercado de trabalho e ao consumo de profissionais formados, mas desempregados.

Se comparada à libertação da escravidão, que caracterizou a idade média, e a libertação da fadiga na sociedade industrial; a libertação do trabalho, que irá caracterizar a sociedade pós-industrial, delinea-se com traços peculiares, já que as máquinas e a ação cibernética ocuparão todo o trabalho físico e boa parte do intelectual de tipo executivo; o ser humano guardará para si o monopólio da atividade criativa que, por sua própria origem, dá menos margem que a atividade industrial para a alocação de tarefas e para a divisão entre o tempo de trabalho e o tempo livre; ao contrário do desemprego, que necessariamente é acompanhado pelos males da miséria e da

marginalização, a libertação do trabalho admite formas de vida mais livres.

Tendo em vista que um número cada vez mais crescente de consumidores irá usufruir os bens e serviços sem envolver em sua produção, serão necessárias novas formas de bem-estar, para atender às necessidades daqueles que não trabalham, e novas formas de gratificação, para atender às necessidades dos ativos. Ao longo dos séculos a atividade de planejar com a máxima exatidão possível e de controlar as atividades dos “dependentes” tornou-se primeiro arte e depois ciência; convertendo-se, bem depressa, em ação de motivar para a criatividade e para a remoção de barreiras das quais a burocracia sempre lança mão a fim de impedir a expressão criativa.

No âmago da sociedade atual, e diante um sistema configurado por “novos desocupados”, isto é, “libertos da escravidão do trabalho”, a qualificação profissional para o trabalho criativo terá de funcionar em sintonia com o preparo acadêmico do ócio ativo.

Absorto nessa política monetarista e FMIsta cabe perguntar como é que os cidadãos dos países industriais, desde os Estados Unidos até a Europa e o Japão, mesmo tendo descoberto sistemas tecnológicos tão poderosos que permitem a libertação propriamente dita do trabalho, teimem em preservar um comportamento social surgido ou criado em função da sociedade rural e ou industrial; com horários de trabalhos feitos para definharem aos poucos de cansaço e deixar os outros empregados.

Como veremos na pesquisa aqui proposta, ao longo de todos os séculos passados, a luta pela sobrevivência sempre foi o problema mais premente para a raça humana. Quem sua por seu pão sonha com o tempo livre, mas quando o consegue entra em profunda depressão nervosa. Assim a ideia de liberdade traz consigo o receio de um colapso nervoso de sentido materialista.

Eu como autor desta pesquisa, penso que a necessidade histórica exposta em O Príncipe de Maquiavel, em A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado de Hegel, em O

Contrato Social de Hussearl, não é outra se não resolver ou repropor essa discussão da dicotomia entre o trabalho enquanto necessidade e enquanto satisfação; se por um lado ele é o castigo de se ter roubado o fogo dos deuses por outro lado ele se fez e se faz a ação física de se expor a inesgotável capacidade humana de criar.

Para a melhor compreensão do leitor e demais pesquisadores e avaliadores deste projeto, achei por bem dispô-lo em cinco abordagens que visão elucidar nosso tema central que é a sócio-teologia de maneira a levantar material para a discussão do real papel dos religiosos e teólogos. Na primeira abordagem tratarei das conjecturações acerca das competências temáticas da Ciência sociológica, onde traçarei um perfil da sociologia, definições sobre o tema e o seu espectro de ação. No Capítulo dois verei discutirei as constituições filosófica das dimensões social e política do homem e da sociedade em que vive, trabalhando o que disseram e pensaram os filósofos sobre a questão sociológica de maneira a fundamentar meu discurso sobre direitos do homem e deveres da sociedade. O capítulo seguinte abordará a questão teológica da sociologia engendrando-se pela história de Israel, da Cultura Islâmica, dos atos de Jesus, do Cristianismo e das religiões de um modo geral; neste tomo que considero ser o central da pesquisa, exporei também minha preocupação com os casos e descasos da teologia e dos religiosos com relação à questão social. O quinto esboço tratará da condição política da história da sociologia no Brasil desde a década de 60 até hoje procurando levantar os principais golpes contra o direito humano; o Quinto e último capítulo procurará elucidar sobre a Cidadania como um reflorescer da Sociologia e do ser socializado intra mundi. Ao final deste trabalho, o leitor encontrará um suplemento de matérias e apêndices que também discutem algumas das muitas questões que englobam os problemas brasileiros.

1 TEORIZAÇÕES ACERCA DAS COMPETÊNCIAS TEMÁTICAS DA CIÊNCIA SOCIOLOGICA

Por onde caminharmos neste início de divagação temática? Quais as necessidades sociológicas de cada um desses Contextos gerais que nos propomos no tema? De verdade e de fato, isso é matéria para enciclopédias distintas, no entanto, comecemos considerando que seja a sociologia um estudo comportamental humano padronizado e a certo modo compartilhado. A história no aponta para uma realidade de homens que sempre e de algum modo se organizaram em grupos mantendo um tipo de vida social. A preocupação dos sociólogos não nasceu de agora, não é uma nova combinação de conceitos já existentes; A sociologia quer se dedicar à descoberta de padrões de comportamento existentes na vida social.

Em termos Contextuais, a sociologia existe desde que os seres humanos passaram a habitar o Universo, e sob certos aspectos, há diferenças de espaço, tempo, mudanças, rápidas ou lentas, mas que fazem a vida ter o mesmo significado, o mesmo sentido. As regularidades e uniformidades evidentes podem ser observadas, descritas, abalizadas e interpretadas pela sociologia, contudo, somente após minuciosa pesquisa e elaboração de Conteúdos. A primeira vez que historicamente se usou o termo sociologia, fora com o francês Augusto Comte, quando os estudiosos que na época se intitulavam sociólogos seriam apenas filósofos sociais ou apenas historiadores. Alguns desses estavam preocupados com o que seriam a hereditariedade, outros com a alma social ¹, mas em um sentido mais religioso que científico. Nos últimos anos, a sociologia enquanto ciência pode se destacar no quadro mundial com muita rapidez e qualidade conceitual. Talvez isso seja o resultado da tomada de consciência mundial das reais necessidades humanas, talvez pela primeira ou segunda

1 J.H.Fichter. Sociologia. p. 14.

guerra mundiais, pelo holocausto, pela inquisição e outras barbáries.

O termo *Sociologia* é usado atualmente para análise empíricas ou teóricas de fatos e padrões sociais, além da natureza da sociedade como um todo. Na história do pensamento ocidental, sempre foram feitas observações de extrema utilidade, incluídas nos campos da ética e da política. Mesmo assim esta disciplina não existia enquanto tal o que só veio a acontecer com Comte, como determinação da natureza da sociedade em seu conjunto, através da determinação das leis da mesma. Comte faz uma espécie de organização Newtoniana, traçando por leis rigorosas uma ordem necessária, além do desenvolvimento, também necessário, desta ordem. Ele até a chamava de *Física social* tendo na primeira parte o estudo da *Ordem social*, na segunda o *Progresso social*, Comte atribuía ainda à Sociologia, a função de dominar em proveito do homem os fenômenos de que tratam, visando perceber o sistema geral das operações sucessivas, filosóficas e políticas que vem libertar a sociedade de sua fatal tendência à dissolução iminente levando-a uma nova estruturação sistemática e concisa do que as encontradas na Filosofia e Teologia, enquanto humanas.

Assim, uma vez instituída a sociologia, a sociocracia² seria o efeito inevitável da fundação da Sociologia enquanto ciência. Spenser, um Contemporâneo de Comte, vê que a ciência de Comte é algo descritivo para determinar as leis da *evolução superorgânica* que regulam o progresso do organismo social. Neste sentido a sociologia se mostra como o estudo da ordem progressista da sociedade como um todo. Fora então este conceito que fez eclodir em todos os países europeus a organização da sociologia. Posteriormente na Alemanha e América, fora aceita como psicologia dos povos. Com Comte, novas pesquisas foram inspiradas, como a da origem e

² Termo criado por Comte para designar respectivamente o regime político baseado na sociologia, que Comte concebe como análogo à teocracia medieval que era baseado na Teologia. É o culto da sociedade que Comte julgava deveria ocupar o lugar das Religiões positivas. N. Abagnanno. *Dicionário de Filosofia*. p. 881.

desenvolvimento das ideias morais de E. Westermarck e o tratado de Sociologia geral de Valfredo Pareto que é tão, bem apontado como a origem da crise na sociologia. 3

Dois conceitos básicos de sociologia seriam os de *Sociologia Sistemática*, que tem a totalidade dos fenômenos sociais como objeto de pesquisa; e a *Sociologia Analítica*, que visa os grupos desses fenômenos e procedem a partir deles para a sua pesquisa; aqui houve uma desfragmentação muito grade da sociologia, sem que se chegasse novamente em sua unidade conceitual. Enquanto sistema de análise é Pareto quem faz a passagem da primeira para a segunda, sendo sedimentada por Emile Durkheim que se afasta do pressuposto fundamental da Sociologia Sistemática.

A sociedade se constitui um todo orgânico, apenas as sociedades particulares podem ser sistematizadas, pois só estas nascem, crescem, desenvolvem-se e morrem independentemente uma da outra; Durkheim também insiste no caráter exterior do objeto da ciência social. Os fatos sociais centram-se no modo de agir, pensar e sentir, exteriores ao indivíduo dotados de um poder coercitivo que se lhe impõem; a este modo, consideram-se os fatos sociais como coisas, sem predecessores dos indivíduos que compõem tal sociedade. Já Max Weber é o primeiro que separa a Sociologia das outras ciências antropológicas e historiográficas. Sua obra identifica o objeto da Sociologia com os parâmetros de atitudes humanas, dotadas de sentido e acessíveis à compreensão científica.

Tais atitudes se referem à intenção do agente na sociedade, determinada e explicada pela referência de seu meio. Também a separação que Weber faz de pesquisa empírica e pesquisa lógica de um lado, e de avaliações práticas e éticas do outro, é bem mais fácil de ser proposta do que posta em prática em nível de pesquisa, valendo até hoje como regra a quem quer testar a honestidade do pesquisador. Toda a Sociologia Contemporânea vai se basear nos conceitos desenvolvidos por

3 Cf. N. Abagnanno. *Dicionário de Filosofia*. p. 882s.

Weber quanto à pesquisa empírica. Com Weber temos quatro técnicas importantes de pesquisa: A da *Observação direta, clínica, participante*; a das *Técnicas de entrevista*; das *técnicas de experimentação e sociométricas* e das *Técnicas estatísticas*. Inúmeras pesquisas de campo foram realizadas com essas técnicas, sobretudo nas últimas três décadas, porém a pesquisa sociológica não teve o mesmo desenvolvimento, pois que na Inglaterra se dedicou a descrever os povos primitivos; na França dedicou-se a problemas fundamentais; Na Itália, depois de haver dado uma contribuição importante à obra de Pareto e de outros.

Nos EUA, a pesquisa sociológica cresceu e se ramificou axialmente, sobretudo para as seguintes direções: Sociologia Urbana (1929-1937 Middlwn), Estudo da Estratificação e da Mobilidade Social (1929-1959 Gadda Conti), Estudo dos Grupos Étnicos (1918-1921 Thomas e Znaniecki), Estudo da família (desorganização familiar, 1929 Hamilton), Opinião Pública e instrumentos de propaganda. (1947 Shils), Estudo de Pequenos Grupos (1953 Shils), Sociologia Industrial (1959 Franco Ferrarotti), Sociologia da Religião (1904-1906 Marx Weber), Sociologia do Conhecimento (1926 Karl Marx e Max Scheler). 4

Como identificar a Sociologia? Como o Estudo da Sociedade? Por Sociedade entendemos o grupamento humano, posto que o Homem é o único animal cuja existência depende de uma interação permanente com seus semelhantes, do nascimento à morte. E por que não pode ser explicado fora deste contexto é que o estudo do Homem tem de ser realizado através da Sociologia, a mais ampla e complexa ciência existente. Consideremos ultrapassados certos conceitos preconceituosos tentando confundi-la com Antropologia Cultural, Psicologia Social, etc. Só existe uma ciência social, a Sociologia, a rainha das ciências. Esta posição, além da magnitude de seu objeto de estudos, resulta ainda do encadeamento natural das definições científicas (Astronomia, Física, Química, Biologia, Sociologia), quando a Sociologia ocupa o cimo da pirâmide do conhecimento.

4 Cf. N. Abagnanno. *Dicionário de Filosofia*. p. 883s.

O presente trabalho pretende ser obra de divulgação para leigos. Embora assumindo nas definições básicas um certo feitio didático, não é esta sua diretriz principal. Assim, não há exagero nas citações, pois muitas vezes a riqueza da bibliografia, exibindo todas as versões de um problema confunde, antes que elucida o leitor.

É um texto altamente pessoal, procurando mostrar a cada passo as razões da escolha desta ou aquela opinião. Não é obra de proselitismo. Não é contra ou a favor do que quer que seja. Uma advertência ainda se impõe no cuidado de lidar com os “ismos” surgindo a cada instante. Monogenismo, animismo, racionalismo, funcionalismo, estruturalismo, culturalismo, fascismo, socialismo, comunismo, e por aí a fora. Trata-se de “escolas” de pensamento, implicando em “seguidores”, obedecendo a correntes bitoladas que forçam a interpretação dos fatos nos limites pré-estabelecidos pelo “chefe”. Cria-se uma linha preconceituosa, deformando a análise e obrigando os dados a se encaixarem em determinado ponto de vista. Decorrência fatal de tais “escolas” é o uso de jargão próprio, com certo ar de superioridade, desprezando aqueles não pertencentes ao círculo dos “iluminados”. Nada mais falso. As ideias se expõem em linguagem corrente, sem necessidade de termos reservados apenas aos “iniciados”. Recurso utilizado desde Joyce em literatura, não tem cabimento aqui a invenção de palavras novas. Quando há um pensamento merecedor de exposição é possível fazê-lo com o vasto vocabulário usual de nossa língua.

Finalmente, este não é um trabalho de atualização, nem tão pouco de crítica. Não se pretende em qualquer tópico rever todas as opiniões emitidas sobre o tema, fazendo confrontos e, necessariamente tomando partido e ensaiando explicações contra e a favor, isto é, dirimindo controvérsias à luz dos mais recentes informes sobre qualquer assunto. Limitar-me-ei a mencionar tão somente os autores e textos que se coadunam ao meu modo de pensar, consolidando toda uma existência de leituras no campo da Sociologia.

Entretanto, onde se busca originalidade é no recurso às **Notícias dos Jornais**, extraindo da imprensa diária rico material para discussão. As notícias são transcritas sem ordem cronológica, e apenas de acordo com o tema em pauta. É sem dúvida uma aplicação prática relevante, valorizando o noticiário a que temos acesso diariamente e sem dar-lhe o merecido crédito. É o destaque da Comunicação, como oportunamente será desenvolvido.

O estudo da Sociologia traz ao homem a sabedoria necessária para enfrentar os problemas que surgem na vida diária, conferindo-lhe uma percepção tolerante no julgamento dos fatos para atribuir-lhes a importância que merecem em cada momento no âmbito familiar, profissional, etc.

O estudo da Sociologia, além do benefício pessoal que permite a seus cultores, tem sua expressão maior no meio universitário, isto é, desenvolve-se, sobretudo no Ensino, ao qual aduz uma base sólida e imprescindível. Fora do Ensino, como atividade profissional, os sociólogos podem encontrar ocupação em agências governamentais dos países adiantados ou em entidades de alcance mundial como a ONU e suas filiadas. Entre nós, entretanto, está limitada à área acadêmica, e qualquer tentativa, além disso, não parece dar bons resultados.

Todavia, é no estudo da Sociologia que o Homem tem a oportunidade de se livrar dos ranços do passado, aperfeiçoando-se na convivência e mostrando um grau de compreensão e tolerância que o eleva no seio da comunidade. A Sociologia abre caminho para o comportamento ideal, e um dia chegará em que a Ética deixará de ser mera especulação filosófica e se tornará um padrão de conduta capaz de permitir aos homens viver em harmonia e em paz com seus semelhantes. Assim seja! 5 No começo da sociologia, sua preocupação era se dedicar aos fenômenos sociais, mas a dedicação com as relações humanas, da família, da experiência cotidiana, dos grupos sociais.

1.1 A Construção do Conceito de Socialismo e de Sociedade 6

Por de trazdo termo clássico **sócio**, temo o termo latino que expressa o compartilhar, unificar. Talvez usássemos **societas** que significa em si sociedade. No socialismo a Ideia de associar-se de maneira voluntária com finalidades comuns a um grupo, dotado de uma partilha dos bens e dos meios de produção dos mesmos, desdizendo o ideal capitalista; contudo se olharmos mais de perto, o socialismo histórico de reduz a um estadismo ou oligarquia que controla a sociedade com mãos de ferro, pois se tudo é de todos, todos pegam, ninguém se compromete com o outro, ser? No socialismo o ideal é de controle de bens, exercido *a priori* pelo povo e o controle dos bens de produção e distribuição; o entanto em termos práticos, o povo de nada participa. Socialismo e Comunismo somente diferem no grau da alegada participação popular, e natureza militar-fascista que acabam forçando as pessoas a aceitarem seus ideais. Em tese, o **lucro** não é o alvo primário de Socialismo, mas dispor os bens de forma igualitária a todos e a cada um, o que esbarra drasticamente no capitalismo, de certo modo no comunismo, nos controles econômicos mundiais e para nos Muros de Berlim. 7

Parte da participação igualitária que o socialismo impõe é um Estado que visa o bem estar geral, com benefícios e serviços que a ninguém excluem, mas chegar a isso seria talvez como se isolar do mundo globalizado, o que só seria possível em caráter de extrema ironia, em outra galáxia. É claro que em pequenos países, com populações relativamente homogêneas, como é o caso da Suécia, o Socialismo trazessa paz social em tudo que envolve esse tema 8, porém, países mais extensos, de populações heterogêneas, não têm conseguido manter esse ideal. O que se vê

6 O livro: A Origem da Família e da Propriedade privada é uma contextualização interessante que nas entrelinhas denota de que maneira surgiu o capitalismo e o socialismo como forma de estruturação do povo.

7 Cf. CHAMPLIM. Enciclopédia de Bíblia e Filósofica. 317 p..

8 Saúde, Habitação, Educação, Emprego, Saneamento, Estabilidade econômica, Expectativa de vida alta, etc.

é países capitalistas copiando conceitos socialistas; quando se trata de uma sociedade ideal, nenhum sistema pode dar certo em 100%, dada a realidade humana.

O termo do Inglês: *Socialismo*, do Francês: *Socialisme*, al *socialismus*, se difundiu na Inglaterra quase que como uma investidura do individualismo nas primeiras décadas de século XIX. Tal termo tem pelo menos duas significações básicas segundo Abagnanno ⁹ que seriam: preconizar uma reorganização da sociedade em bases coletivas sendo aí socialismo, tanto as teorias de Platão quanto as de Marx, de Lênin, e de Stalin. Contudo, Marx e Engels, distinguem *Socialismo utópico* que apresenta a realidade socialista como um ideal que acontecerá de algum modo; e o *Socialismo científico* que não apresenta ideal, mas prevê o advento inevitável da sociedade socialista com base nas leis que determinam o desenvolvimento da sociedade capitalista; em tal contexto, o conceito de Socialismo se torna efêmero, pois indica qualquer aspiração ou doutrina que tente a mudança de um *nômos socialis* para uma direção coletivista. A outra definição se refere às orientações divergentes das do comunismo: sem ditadura do proletariado; se houver ditadura, não será em nome do proletariado; excluem ao contrário dos comunistas entre teor de vida de dirigentes e da maior parte dos cidadãos; decisão pelo povo, sua voz é subordinada à dos dirigentes; as regras têm que ser seguidas por método democrático. ¹⁰

Em se tratando se sociedade, vejamos aqui dois conceitos elencados por Champlin, o de Sociedade aberta e o de Sociedade de Amigos:

“Essa expressão indica uma sociedade cuja estrutura e cujas leis permitem que seus membros avancem para o nível que suas habilidades pessoais o permitirem. Uma sociedade assim caracteriza-se por liberdade de crença, expressão, reunião, oportunidade e empregos suficientes. Não é o governo quem realmente regulamenta ou restringe essas questões. Mosca acreditava que uma sociedade aberta, apesar dos

⁹ Cf. N. Abagnanno. *Dicionário de Filosofia*. 879ss p..

¹⁰ Cf. N. Abagnanno. *Dicionário de Filosofia*. p. 879.

exageros e perigos que se ocultam por detrás de um regime assim. Ele pensava que o pluralismo sempre é mais operacional e produtivismo que o monismo. É verdade que uma sociedade aberta terá mais vícios e abusos em seu seio; mas também terá maior liberdade que é a mais preciosa possessão e o mais básico direito do homem. É mil vezes melhor a vida onde impera a liberdade. Com todos os seus abusos, do que uma sociedade fechada, destituída de liberdade, cuja arregimentação consegue eliminar alguns vícios, mas cria outros, muito piores.” 11

No conceito de sociedade de amigos desenvolvido por Champlin, vem de George Fox (1624 1691+) e se mostra mais como um caminho que propriamente um sistema de crença que pode ser denominado de ortodoxo, pois se trata de um grupo fraternal, de experiência religiosa e necessidade de iluminação. Esse nome é usado para determinar os seguidores de George, também chamados quakers. 12

Nas sociedades de um modo geral, a conduta está sempre relacionada às suas convicções humanas e socializadas, mas, será que seu senso ético se estrutura nesses mesmos pilares? O positivista Conti acredita que esses padrões se baseiam na evolução que ultrapassa a religião sobrenatural; Já Herbert Spencer crê que são as crenças que evoluem gerando o senso ético. Summer enfatiza a evolução por meio do erro; Durkeim desvincilha-se a Sociologia de teorias teístas, para ele concepções éticas resultam do desenvolvimento humano natural.

1.1.1 Estruturação das Raízes do Socialismo

Na sociedade pós-medieval, as raízes anti-religiosas causaram o afastamento do autoritarismo ético religioso que se seguiu à reforma protestante, e que originou no século XVIII a soberania popular. Fora essa tendência que lançou as sementes do socialismo. O desenvolvimento histórico gerou também as chamadas raízes de sociedades livres, com economia livre 13,

11 CHAMPLIM. *Enciclopédia de Bíblica e Filosófica*. p. 318.

12 Cf. CHAMPLIM. *Enciclopédia de Bíblica e Filosófica*. p. 318s.

13 A economia hoje, como os demais setores, é constituída do controle cada vez maior do homem sobre a natureza, por mais repetidas e importantes relações de dependência mútua entre os cidadãos, grupos e povos, e por uma intervenção mais frequente do poder político. Ao mesmo tempo, os progressos nos sistemas de produção e na troca de bens e serviços tornaram a economia um instrumento apto, com que

regulamentada pelo governo, mas de iniciativas privadas, sem grandes intervenções governamentais, seguindo o molde capitalista. Ao contrário do Socialismo, aqui o governo só administra, não controla a burocracia nacional. Outra de suas características é a imprensa livre:

“São exatamente os repórteres investigativos como Tim Lopes, os que mais correm riscos no exercício da profissão. Terroristas e bandidos temem o trabalho e a bravura desses jornalistas. No dia 2 de maio de 2003, Tim será homenageado nos Estados Unidos. No próximo Dia Internacional da Liberdade de Imprensa o nome de Tim Lopes será escrito em um memorial de Washington. Será o 22º brasileiro na lista de jornalistas mortos. O fórum da liberdade também vai homenagear Daniel Pearl, o repórter do "The Wall Street Journal" decapitado por terroristas no Paquistão. Tim e Daniel foram presos, torturados e mortos quando buscavam informação. Peter Prichard, presidente do fórum, diz que jornalistas morrem por escrever ou filmar o que outras pessoas querem esconder. As páginas na Internet das principais emissoras e jornais americanos, inclusive o "The New York Times", divulgaram a notícia do assassinato de Tim Lopes. Nos últimos dez anos, 389 jornalistas foram mortos em serviço em todo o mundo. Ao contrário do clichê dos filmes, o maior risco não é para os correspondentes de guerra, mas para repórteres investigativos como Tim Lopes. Exatamente como Tim, um jornalista foi morto no bairro colombiano de Nova York porque investigava o tráfico de drogas. Manuel de Dios foi morto dentro de um restaurante. Editor do principal jornal em língua espanhola de Nova York, ele investigava a atuação do cartel de Cali na cidade. A denúncia do caso pela imprensa mobilizou a sociedade. A polícia recebeu tantas pistas que desfez operações do cartel em quatro estados americanos. O assassino de Manuel foi preso e condenado à prisão perpétua. Como Tim, outro jornalista americano morreu em busca da notícia. Don Bolles investigava a corrupção no estado do Arizona quando uma bomba explodiu em seu automóvel. Num caso sem precedentes, 36 colegas de Don decidiram continuar as investigações. Em sete meses chegaram ao homem que plantou a bomba no carro. A justiça demorou 17 anos, mas condenou o mandante do crime. crime. crime. crime. Joel Simon, do comitê de proteção aos jornalistas, diz que no caso de Tim o importante é garantir a punição dos culpados. "É preciso ter certeza de que qualquer jornalista que queira seguir os passos de Tim Comte com o apoio da sociedade e do governo brasileiro", fala.

A Associação Mundial de Jornais e o Fórum Mundial de Editores mandaram carta ao presidente Fernando Henrique Cardoso e ao secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, se dizendo indignados com a morte de Tim Lopes. As entidades, que representam 18 mil publicações em cem países, pedem ao governo brasileiro que identifique e leve à justiça os responsáveis pelo assassinato do jornalista.” 14

1.2 Homo Socialis Intra Mundi

Ser social, esta é uma das muitas dimensões que a antropologia usa para definir o ser humano que vive, pensa, fala, se locomove, se comove, é livre, aprende a ser livre, se relaciona com o sagrado, se torna “sagrado”! Para o homem chegar a adquirir a *sociabilidade* ele passa por um processo de propensão ao meio em que vive e com as pessoas deste mundo; o ato de comunicar-se com eles torná-los participes das próprias experiências e desejos, vivenciando emoções semelhantes e bens em comum. Dentro deste contexto, o indivíduo exerce relações que o matam com os outros, fazendo parte assim de um grupo social e experienciando a sua *politicidade*.

Estas duas facetas pessoais constituem-se em aspectos correlativos de um único fenômeno: o homem é sociável e assim arrisca-se em entrar em contato com seus semelhantes e a formar com eles certas associações estáveis; começa então o processo de se fazer parte de grupos organizados, ele torna-se um ser político, ou seja, membro de uma Polis, de uma cidade, Estado, como membro desta organização, adquirindo deste modo direitos e deveres. Estas duas dimensões, já fazia menção Aristóteles, são constituintes de um ser que “[...] *é, por natureza, um animal político (e, então, também sociável)*. *Aquele que por natureza, não possui estado, é superior ou mesmo inferior, quer dizer: ou é um deus ou mesmo um animal*” 15 ou como mencionou certa vez Cícero: “*Eadem natura, vi rationis, hominem conciliat homini et ad orationis et ad vitae societatem*”.16

14 Reportagem exibida pelo Jornal Nacional em Segunda-feira, 10 de junho de 2002; <http://redeglobo3.globo.com/jn/semana.jsp?id=09070>.

15 Aristóteles, a política 1253. em www.ateus.com.br. [O grifo é do autor Batista Mondim].

16 B. Mondim, O Homem, quem ele é ? Elementos de Antropologia filosófica. p. 155.

1.3 Homo Persona in Mundi

Desde que pisou na história pela primeira vez, o homem, seja pelo mito, seja pela ciência, sempre procurou conhecer-se, desvendar-se. Em nossos dias chegou à singularidade de si mesmo com o nome de "ser humano"; no coletivo e de "pessoa" no particular. Daí o estudo acerca da pessoa foi frequentemente debatido na história da filosofia, porém nunca como hoje. Atualmente, quase todos se interessam pelo tema, dentre os quais, a maioria são filósofos. Esta visão filosófica recebeu da história o nome de personalismo. Também os teólogos se ocupam do tema para se referir a Cristo, em sua pessoa divina e humana. Psicólogos, educadores, políticos, juristas, além de outros se dedicaram ao exame da pessoa humana.

“A índole social do homem evidencia que o aperfeiçoamento da pessoa humana e o desenvolvimento da própria sociedade dependem um do outro. A pessoa humana é e deve ser o princípio, sujeito e fim de todas as instituições sociais, por sua natureza ser absolutamente da vida social. A vida sócia Não é, portanto algo acrescentado ao homem, assim o homem desenvolve-se em todas as suas qualidades mediante a comunicação com os outros, pelas obrigações mútuas, pelo diálogo com os irmãos, e pode corresponder a sua vocação”.¹⁷

Se partirmos da filosofia grega o conceito de pessoas é um tanto estranho, pois em grego falta até mesmo o termo para designar pessoa. *Persona* é uma palavra da língua latina, a qual até o começo do cristianismo designava máscara que ampliava a voz do ator para comunicar-se com o público. Acredita-se que o termo foi introduzido por Sêneca, sob o qual o termo não perdeu seu significado. O conceito de pessoa acentua o singular, o indivíduo, o concreto; já na filosofia grega assume um papel universal e abstrato. Só a revelação cristã vem trazer um valor mais absoluto ao indivíduo. Na patrística e escolástica empreenderam uma análise racional e aprofundada acerca do indivíduo que tomou uma roupagem filosófica sólida, sobretudo

17 Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Compêndio Vaticano II. #.275.

após as disputas teológicas sobre a Trindade e Encarnação para quais a solução, requisitou uma formulação exata do conceito de pessoa 18. O homem sente uma exigência imprescindível de encontrar-se em relação com outros seres de sua própria espécie e sente satisfação quando realiza suas disposições.

O fato de ser alguém capaz de construir conhecimentos, o coloca em condições de adquirir conhecimentos dos outros, de apreciar sua presença, perceber a importância de unir-se a grupos; é a linguagem que lhe dá esse consentimento de se comunicar. Por ser então um **ser sociável**, não surge do nada no mundo, não pode crescer, educar-se, alimentar-se de início, sozinho como os outros (alguns deles) animais; somente em companhia dos outros que ele percebe que é homem 19 passa a relacionar-se com os grupos que perpassam sua vida (Família, aldeia, sociedade, escola, etc) sendo que se desenvolve à medida que seu meio se desenvolve. Hoje, os translúcidos e velozes meios de comunicação nos põe a par dos acontecimentos importantes e insignificantes que ocorrem em qualquer parte do mundo. Nossa vida está constantemente em risco de abalo por conta de uma notícia que possa acontecer em até do outro lado do mundo em que estamos (11 de setembro de 2001, Copa do Mundo, Risco Brasil, Pedofilia).

1.3.1 O homem e o Fenômeno da Sociabilidade

Conjeturemos ser o homem um ser de profundas raízes de sociabilidade, e que diante do avanço das telecomunicações supra mencionado, o homem se dê conta de que agora só não lhe é possível estar só, ou seja, “desapareceram” as dimensões privadas. Paradigmas à parte, as interações sociais também

18 Zeller comenta que na filosofia antiga não se encontra nenhum termo para designar personalidade. Leipzig afirma que o conceito na antiguidade continua embrionário até o início da era cristã. O homem antigo é absorvido pela cidade e pela família, submetido a um destino cego, sem nome, superior aos próprios Deuses. O cristianismo em meio a essas incertezas, leva de improviso de pessoa. Garaudy diz que o cristianismo criou uma nova dimensão do homem, da pessoa humana. Nem os padre grego eram capazes de achar na filosofia grega categorias e palavras para a nova realidade. Ib. p. 285.

19 Talvez seja irrisório, mas os filmes de “Tarzan, o rei da selva” revelam essa realidade, pois ao encontrar-se com a civilização, o menino macaco percebe ser semelhante a eles, ainda que não opte por viver com o mundo civilizado.

avançam de forma rápida sem deixar espaço para o isolacionismo; talvez seja esta linha cada vez mais confusa entre o público e o privado que vai garantir às civilizações do futuro um legado de segurança e estabilidade social. Aqui, o ideal de liberdade e de sociedades livres não pode ser definido com independência, pois no mundo contemporâneo a redenção conhecida com a impossibilidade de se tornar indivíduo independente de seu mundo social, diante da gigantesca máquina do Estado que ai está. Para Platão, a dimensão social do homem é um fenômeno contingente; já em Aristóteles se trata de uma dimensão essencial. 20

Na concepção aristotélica o homem é um ser múltiplo, o que para Platão se resume em alma que se completa somente no mundo das ideias, onde os outros são também contingentes enquanto relações. Nele a sociabilidade é somente consequência da corporeidade e dura apenas até a alma se desligar do corpo que é seu cárcere. Em Aristóteles o homem é corpo e alma que se ligam por laços sociais a Polis a fim de satisfazer suas necessidades e realizar suas aspirações pessoais. O homem é por natureza político, isso nele não é nem pode ser acidental 21, pois que ser feliz é meta social do indivíduo na Polis e no seu Estado. Mais tarde veremos que no cristianismo, esta dimensão é consideravelmente ampliada, ultrapassando o plano natural e chegando até ao sobrenatural até suplantá-lo na eternidade cristã. É um tipo de sociabilidade baseada na razão e na graça, aplicada à vida de comunhão de intenções. Nas mentalidades cristãs, judaica, hinduísta, espírita e islâmica, os homens formam uma só família, pois procedem de um único Deus e “Pai”.

Tal concepção influenciou e muito no plano político, na superação de instituições como a escravidão, de desigualdades como a do poder homens sobre mulheres 22 e outros que gravemente feriam a ética da sociabilidade. A ética cristã trouxe

20 Para ver mais sobre estes dois termos, sugerimos o *Dicionário de Termos Filosóficos* da Editora Martins Fontes.

21 *Ibidem*.

22 Leia mais em: *Falos*. Paulus, 1994.